

TÍTULO Desturvar
AUTOR Jimson Vilela
DATA 2012

Após folhear um livro ainda em branco, seguindo o sentido da leitura me deparo com o outro lado. Durante um período de tempo, mensurado apenas pela contagem do número de páginas, atravessei uma série de espaços turvos. Refiro-me a espaços, pois me acostumei a imaginar que um livro de páginas em branco nada mais é do que um acúmulo de paredes brancas, dispostas lado a lado quando o livro encontra-se em repouso, na estante de uma papelaria. Cada lombada detém um conjunto de paredes, possíveis cômodos a serem ocupados e transpostos pela escrita.

Entretanto, antes que isto aconteça, a tranquilidade deste formato é posta em crise quando o livro em branco é colocado sobre uma mesa ou encontra-se no colo de um possível escritor. Essa nova disposição tomba suavemente as paredes já enunciadas. Alguns especialistas afirmam que é através desse movimento que surge o espaço da nota de rodapé: da imagem fortuita de páginas enquanto paredes derrubadas. Não é à toa que a arquitetura também possui um elemento de mesmo nome.

O movimento de passagem das páginas de um livro neste caso seria algo próximo ao ato caminhar por um espaço interno. Interior, pois o primeiro verbo em relação a um livro é *abrir*. A abertura de cada página ao ar e o suor da ponta dos dedos deflagra o lento processo do amarelar. É neste lugar que se começa a escrever, a partir do simples fato de estar. A superfície do livro recebe aquilo que a superfície da pele dá. A retirada dos móveis próximos às paredes revela as marcas das experiências vividas ali depositadas. Algo que só é percebido quando mudamos de casa. Situações vividas entre paredes tendem a permanecer entre elas, até que a gravidade as puxe para a margem. Até o rodapé onde se misturam com a poeira e se vão.

No livro cada coisa escrita ou desenhada sobre uma página reconfigura o espaço podendo fazer com que os olhos do

leitor escorreguem para além da margem, ou jogando-o ao encontro de outra página. As paredes do livro depois de organizadas ou desorganizadas pelo escritor têm como função abrigar o leitor em sua jornada para chegar ao outro lado.

Por conta disso, *fechar* não é o último verbo de um livro, assim como não é de uma casa. *Recordar*, *contar* e, por conseguinte, *compartilhar* são ações constantes de alguém que se muda ou que termina de ler um livro. Isso mantém a porta aberta por um tempo, o mesmo tempo que se permanece entre duas páginas. O leitor objetiva o outro lado, porém sabe que o levará consigo depois de tal empreitada é o meio do caminho. O escritor, por sua vez, faz de cada livro uma ponte onde vislumbra todos os lados. O lado da partida e o lado da chegada sem contar com a imagem do céu sobre sua cabeça e a imagem de suspensão sob seus pés.

Curiosamente o livro é o único objeto no qual me recordo ser possível fazer com que duas margens se toquem, tal fenômeno é interrompido pelo próximo leitor.

* Pensar não apenas nas manchas, nas marcas ou na cor. Recordar dos cheiros e da espessura que este confere ao texto.